



A Copa do Mundo FIFA 2022 e o flagelo da homofobia

The 2022 FIFA World Cup and the scourge of homophobia

Alessandro Soares da Silva¹ , Gustavo Menon , Renato Barboza 

¹PPG em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP), São Paulo, SP, Brasil

²PPG em Direito, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil e Universidade de São Paulo

³Instituto de Saúde, São Paulo, SP, Brasil

E-mail: gustavo22menon@gmail.com (GM); renbarprof@gmail.com (RB)

*E-mail para correspondência: alessoares@usp.br

Recebido (Received): 16/10/2022

Aceito (Accepted): 22/12/2022

Resumo: A homofobia é um instrumental de dominação psicopolítica que priva sujeitos de sua condição humana por meio da injúria e da violação da dignidade. Causa dor e sofrimento, aliena a pessoa da capacidade de agir e de se perceber como capaz de existir em todas as esferas da vida. Em tempos de Copa do Mundo FIFA 2022 no Qatar, emergem muitas questões que atingem sujeitos e instituições no tocante a garantias de direitos e da dignidade humana, sobretudo, em um país que criminaliza com prisão ou mesmo apedrejamento o amor entre iguais. A homofobia mata. Ela tem vitimado pessoas no mundo e a cultura do futebol tem contribuído para essa triste realidade. Esse ensaio tece reflexões sobre como uma instituição da envergadura da FIFA tem pautado essa questão e como as nações que celebram esse megaevento têm encarado o flagelo da homofobia no mundo do futebol.

Palavras-chave: Futebol, Dominação, Sexualidade, Direitos Humanos.

Abstract: *Homophobia is an instrument of psycho-political domination that deprives subjects of their human condition through injury and deprivation - violation of dignity. It causes pain and suffering, it deprives the subject of the ability to act and to perceive himself as capable of existing in all spheres of life. In times of the 2022 FIFA World Cup in Qatar, many questions emerge that affect individuals and institutions with regard to guarantees of rights and human dignity, especially in a country that criminalizes love between equals with imprisonment or even stoning. Homophobia kills. It has victimized people around the world and football culture has contributed to this sad reality. This essay reflects on how an institution as big as FIFA has dealt with this issue and how the nations that celebrate this mega event have faced the scourge of homophobia in the world of football.*

Keywords: *Football, Domination, Sexuality, Human Rights.*

1. Introdução

“Não ao racismo, não ao sexismo, não à homofobia, não ao nazismo!”

Eduardo Galeano, Futebol ao sol e à sombra, 2015.

Não é possível falar de Futebol sem deparar-se com expressões do preconceito racial, de gênero e de orientação sexual. As notícias narradas sobre essas expressões de violência perpassam a vida de quem faz o esporte nas suas quatro linhas e de quem dele participa como espectador, seja das arquibancadas, ou de alguma das diversas telinhas por onde ele é transmitido. São inúmeros os casos recentes que têm ganhado evidência na mídia, especialmente, na modalidade masculina, mas também na feminina. A homofobia é uma chaga cruel que se oculta no estereótipo da virilidade associada tanto à heterossexualidade obrigatória quanto ao futebol. Dessa perspectiva se propagam falácias que afastam as pessoas LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais/transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades não binárias) da prática esportiva ou as aprisionam em armários tenebrosos porque “ser assumido” pode

significar o fim de uma carreira como atleta profissional, além de outros riscos como o próprio perigo de morte que esses sujeitos podem enfrentar.

Assim, analisaremos, a partir da literatura e de notícias veiculadas na mídia, como o mundo do futebol tem lidado com as faces da homofobia. A literatura sobre homofobia é vasta e polissêmica. De modo geral homofobia refere-se às práticas de injúria sofrida por pessoas gays e lésbicas (SILVA, 2006; BORRILLO, 2010; SILVA e ORTOLANO, 2015; VAZ, 2015; SOUZA, 2020). Os movimentos sociais LGBTQIA+ têm destacado aspectos de demandas identitárias expressos nas letras que pautam posições de sujeitos e demandas psicopolíticas (SILVA, 2006, 2008). Em tempos de Copa do Mundo FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) 2022 no Qatar, em um país majoritariamente islâmico (76,5%) e no qual as sexualidades não heterocisnormativas são criminalizadas, nos interessa compreender como a relação futebol e homofobia tem sido abordada tanto na mídia quanto por atletas, torcedores e autoridades esportivas.

2. Estereótipos, preconceito e discriminação: do que estamos falando?

Para darmos o pontapé inicial em nossa partida é preciso entendermos o papel de três importantes (e cruéis) jogadores nas relações sociais e políticas: os estereótipos, o preconceito e a discriminação. É certo que muito já se falou e escreveu sobre eles, mas aqui é relevante entendermos, ainda que com brevidade, do que estamos a falar. Ambos os termos se referem a atitudes, condutas e comportamentos que são determinantes da vida social e política e terminam por condicionar muitos dos elementos culturais que se materializam em modos de vida - ou de morte. Isto permite que alguns sujeitos sejam vistos como melhores do que outros e, por isso, sintam-se autorizados a impor suas visões de mundo, seus desejos, sobre aqueles que julgam estar abaixo deles próprios. Estes dois termos articulam-se de maneira a realizar um mecanismo de dominação-exploração, produzindo/ou forjando um resultado estrutural na dinâmica social.

Adicionalmente, o estereótipo compõe-se de uma série de predicados fixos que são atribuídos ao objeto, mas há um principal, do qual os outros são derivados. O estereótipo retira o seu predicado principal e os derivados de distinções estabelecidas pela cultura entre sexos, ocupações, doenças, raças, povos, religiões, idade etc. e assim, de alguma maneira, as classificações culturais colaboram com ele. Mas não é somente com a nomenclatura que a cultura contribui, ela atribui também juízos de valores às suas distinções. Assim, historicamente o trabalho intelectual tem sido mais valorizado do que o trabalho manual; o sexo masculino tem sido considerado mais adequado ao trabalho na esfera pública e o sexo feminino ao trabalho doméstico; as pessoas com deficiência são desvalorizadas por não poder supostamente participar da construção e da manutenção da sociedade; as raças, etnias e os povos que adentraram posteriormente na civilização ocidental são discriminados frente à raça branca dos povos europeus, e assim por diante.

Preconceitos estão na raiz dos fascismos passados e contemporâneos e se constituem econômica e socioemocionalmente. Não são inatos, resultam de uma determinada construção e a relação entre os aspectos psíquicos e sociais que lhes permitem um lugar no mundo, são a chave de compreensão deles. Autores como Allport e Kramer (1946) e Adorno *et al.* (1965) propõem que o preconceito é um produto cultural derivado das relações econômicas entre os conflitos psíquicos e a estereotipia do pensamento. Em certa medida, o preconceito é um mecanismo de defesa que se refere muito mais ao sujeito preconceituoso do que de quem é objeto do preconceito em si, pois há uma dimensão projetiva por meio da qual o primeiro lança sobre o segundo seus medos e frustrações de modo a diminuí-lo e afasta de si próprio elementos que lhe apequenam. Deslegitimar e diminuir o outro é um esforço de engrandecimento de si e de apagamento do que é potente no outro. Nesse sentido, convém recordar o que disse José León Crochick (1996, pp. 47-48):

o indivíduo que apresenta o preconceito em relação a um objeto tende a apresentá-lo em relação a outros objetos, o que revela uma relativa independência do indivíduo que porta o preconceito e o objeto ao qual esse se destina. Contudo, como são diversos os estereótipos presentes nos preconceitos que são dirigidos a diferentes objetos, algo destes últimos deve estar presente para a constituição daqueles, ainda que não se refira aos próprios objetos, mas à percepção que se tem deles. Ou seja, ao mesmo tempo que podemos afirmar que o indivíduo predisposto ao preconceito independe dos objetos sobre os quais aquele recai, podemos dizer também que o objeto não é totalmente independente do estereótipo

apropriado pelo preconceito que lhe diz respeito. O estereótipo em relação ao negro não é o mesmo daquele que se volta contra o judeu que, por sua vez, é diferente do estereótipo sobre o deficiente físico.

Nessa ótica, vale recordar que a discriminação expressa a quebra do princípio da igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo, idade, trabalho, credo religioso ou convicções políticas. Ela é a expressão do preconceito. Assim, a discriminação tem por objeto anular ou restringir o reconhecimento do outro. Ela impossibilita o gozo e/ou o exercício de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural tanto na vida pública quanto privada, eliminando a possibilidade de que sujeitos diversos estejam em igualdade de condições.

Como efeito da discriminação, se observa a mudança de estados emocionais negativos como o estresse, a agressividade e a emergência da depressão. Quem é vítima dela vive um ataque ou ofensa a sua subjetividade, a sua autoimagem e autoestima, afetando a sua condição de agir e resistir a atos violentos. Socialmente, a discriminação que afeta os menos favorecidos, visa produzir nas vítimas uma aceitação de sua suposta situação desvalorizada. Na medida em que estas pessoas aceitam e internalizam os preconceitos aos quais foram submetidas, elas vivenciam o desespero aprendido e passam a naturalizar a reprodução social da discriminação (CROCHICK, 1996; PREVERT; NAVARRO-CARRASCAL; BOGALSKA-MARTIN, 2012).

A violência gerada pela discriminação leva esses sujeitos a pensar que o que lhes acontece é decorrência de sua condição social e da falta de atributos positivos como inteligência e talento. A consequência dessa experiência é a culpabilização de si e a suposição perversa da legitimidade da discriminação a que estão sujeitos, seja individualmente ou coletivamente. Logo, defender-se da injúria, da injustiça e da subalternização parece algo da ordem do impensável, do impossível.

“*Pra que time ele Joga?*” é um curta-metragem de 23 minutos lançado em 2002 com roteiro de Leonardo Alkmin e direção de Carlos Loducci que trata da questão da homossexualidade a partir da história de um adolescente (Pedro) que é bom em matemática e o principal atleta do time de futebol de seu colégio. Faz sucesso entre as meninas, mas levanta algumas “suspeitas” em seus e suas colegas por nunca ter sido visto namorando uma garota. Esse curta-metragem foi produzido para a Secretaria de Estado de Saúde do governo de São Paulo (Brasil) na virada do milênio para servir como um material didático para a educação sexual e o enfrentamento do preconceito e da discriminação derivados da estereotipia fundada na atribuição de papéis sociais a diferentes categorias de sexo (SAFIOTTI, 1987; VAZ, 2015).

No instante em que o Estado passa a pautar a educação sexual e a sexualidade, ele o faz a partir de um contexto eivado de situações preconceituosas e discriminatórias baseadas em estereotipais do que é ser homem, macho, forte, viril e poderoso: o mundo do esporte e, em particular, o mundo do futebol possui tais dimensões. Ao olharmos para a escola observamos que meninos jogam futebol sem pensar se poderiam jogar outro jogo. Infelizmente, muitos professores de Educação Física não atuam, ainda hoje, como facilitadores entre as crianças e a vastidão do universo desportivo e terminam por reforçar e naturalizar elementos culturais como se imutáveis fossem no instante que os essencializam (MENON, 2021; SILVA, 2011).

Brincar e jogar são dois verbos que estão diretamente associados ao desenvolvimento psicossocial infantil e pressupõem assimilar e construir regras, valores a partir de negociações consigo e com o outro. Esse processo é mediado por relações de poder e atravessam tempos e espaços marcados por expectativas sociais. Ao presentear crianças com bolas, camisas de clubes ou jogos de botão ou eletrônicos e virtuais, ‘se presenteia’ também um conjunto de elementos culturais carregados de verdades apriorísticas que não são muito afeitas à mudança: a receber dos pais uma camisa do time do coração do pai, também se recebe a imposição (supostamente) amorosa de para qual time se deveria torcer.

Parece que o enquadramento moral é uma parte considerável do *ethos* do futebol e competir se reduz a ideia binária de ganhar ou perder. Paradoxalmente, já se ganha perdendo algo e esse enquadramento é, por si só, uma forma de violência que está na raiz de uma cultura esportiva tradicional e impositiva. Quem não se importa com ganhar uma partida é tachado de fraco, pois no coração da noção de jogar está a necessidade se

sobrepôr-se ao outro que é adversário ou mesmo inimigo e para divertir-se a vitória torna-se o principal imperativo. Nasce aí a justificativa (injustificável) do assédio e da deslegitimação do outro que não é par.

Com a espetacularização do futebol, o torcedor passa a ser consumidor de um show condicionado em relações mercantilizadas pelo modo de produção capitalista. É o consumo que movimenta essa máquina e transforma o cotidiano das pessoas. Na televisão, diferentemente de outros esportes como handebol ou atletismo, existe uma programação específica para o futebol, para o acompanhamento do cotidiano dos clubes, bem como dos mais diversos campeonatos que estes participam. Estes produzem em brasileiros e brasileiras uma verdadeira devoção, produzem no cotidiano verdadeiras leis norteadoras de costumes e práticas sociais, sobretudo em tempos de copa do mundo. (SILVA, 2011).

Tais leis norteadoras de costumes e práticas sociais aprisionam o futebol: tão popular por ser de fácil aprendizagem dada a acessibilidade expressa em regras simples e compreensíveis a qualquer pessoa e necessidade básica de sua prática reduzida a uma bola e dois marcos. A prática do futebol por mulheres foi vista, não poucas vezes, preconceituosamente como uma forma de masculinização da delicadeza atribuída ao sexo feminino. A força é um requisito para o jogo e um atributo restrito ao macho. Não cabe dúvida que esta visão machista do futebol (e do esporte) está mudando. Nesse ano de 2022 as equipes do Sport Club Internacional e do Corinthians disputaram a final do campeonato brasileiro feminino na arena corintiana de Itaquera (São Paulo), sendo assistidas por 41.070 pessoas. Essa é uma marca histórica, pois bateu o recorde de público da modalidade no futebol sul-americano. Num mundo dos homens, as mulheres vão abrindo frestas que vão se tornando caminhos legítimos capazes de, ao menos, conter o preconceito e a expressão da discriminação.

3. O País do futebol usa chuteiras arco-íris

Se a presença feminina em um estádio de futebol ou sua atuação como juíza, comentarista ou repórter esportivo ou dirigente de clubes é algo recente e ainda gera resistência de muitos setores, a lógica machista que impera entre homens e mulheres ainda se nega a perceber que o país do futebol também usa chuteiras das cores do arco-íris. Por essa realidade as claras é como convidar a um dinossauro para passear entre cristais, sobretudo quando isso implica na desconstrução de uma identidade coletiva cheia de testosterona e segundo a qual brasileiros e brasileiras são “membros de uma nação singular, diferente das demais, mais bonita e alegre” (GORDON; HELAL, 2001:100), mais “potente” e mais “suada”. Porém, essa tal singularidade não sustenta o atributo de brasilidade calcada na figura do macho. Seria adequado e revolucionário apostar numa brasilidade fundada na educação para a sensibilidade postulada por Diná Oliveira:

A educação da sensibilidade pode ser melhor compreendida ao se identificar que, concomitantemente à apreensão do conhecimento, estão as relações humanas estabelecidas no contexto educacional, elementos que perpassam todo o processo educativo, pois é na mediação do conhecimento e por meio das relações humanas estabelecidas e privilegiadas [...] que se encontra uma real possibilidade de apreensão e ressignificação social da cultura (OLIVEIRA, 2002, p. 43).

Dessa forma, a pátria de chuteiras precisa se ressignificar caso deseje ser justa, com vistas a eliminar a injúria que mata o ambiente esportivo. Ao internalizarmos discursos machistas e reproduzirmos diuturnamente a lógica da concorrência entre machos fortes, os horrores da violência nos estádios e nas ruas, os recorrentes episódios de racismos ou de menosprezo das mulheres vai continuar e as pessoas heterocisdiscordantes seguirão privadas do direito a participar do esporte ou ficarão temerosas de serem discriminadas e ou de terem suas vidas destruídas ou mesmo privadas com a morte, justificada numa cultura erigida em princípios preconceituosos. Nessa realidade, não há espaço para a diferença e a diversidade.

Reconhecer os itinerários individuais, privados e singulares é um passo sem o qual as mudanças nas condições estruturais que constroem e condicionam a cada existência humana no plano coletivo não será possível (SILVA et al., 2018). No futebol essa relação passa pelo debate da dialética da exclusão/inclusão

(SAWAIA, 2014) que justifica a desigualdade e a violência que uns impõem a outros lhes tornando sujeitos minorizados. O esporte pode ser, simultaneamente, a imagem da paz e a face mais visível da violência e da barbárie, vide a perpetuação da violência física e de episódios de homicídios em curso nas várias regiões do Brasil e do mundo. De toda forma, vale lembrar que o futebol não está dissociado das correlações de forças observadas tanto no âmbito internacional, bem como na esfera nacional e local (FRANCO JÚNIOR, 2007).

A exclusão social opera nas diferenças de classe, de etnia, de gênero, de orientação sexual. Estas atravessam a sociedade e geram espaços de subordinação-dominação-exploração travestidos de inclusão. Na realidade, em última instância, oprimem os que destoam dos padrões hegemônicos. Esta lógica se ancora na superioridade autoatribuída afigura do masculino viril, virtuoso, vencedor. O futebol da testosterona não atua como uma utopia libertária, mas como uma fantasia alienante e limitadora da realidade e da existência de negros, mulheres e LGBTQIA+ que denunciam as fragilidades da masculinidade tóxica. A mudança passa por novos processos de socialização primária e secundária (BERGER; LUCKMAN, 2001; SILVA et al, 2018)) que transformam a forma como internalizamos normas, construímos e assumimos papéis sociais. Implica um processo de conscientização (SILVA, 2001) calcado na cumplicidade e pluralidade de atores sociais. Sem essa mudança cultural, muitas crianças continuarão destituídas do direito fundamental de ser criança e seguirão à sobra, à margem, por não se enquadrarem em uma sociedade enferma, monocromática, onde as cores do arco-íris segue sendo uma fantasia de crianças.

No momento que na sociedade se estabelecem desigualdades de classe, raça, gênero, orientação sexual e geração, não há mais janelas que permitam o ar circular e arejar o ambiente. Tudo tende ao declínio, a morte. O futebol não é uma mera prática de essência física, de força. O futebol produz e é produzido culturalmente e caminha com a cultura, transformando-se com ela.

Se, por um lado, a superação de um desafio, a beleza de um passe e o domínio da bola faz parte de um espetáculo coletivo, por outro existe uma dinâmica coletiva que gera práticas socioculturais que ultrapassam as quatro linhas do campo e os limites da telinha. Ora, isso se refere ao fato de o futebol ser uma prática superior aos limites econômicos impostos por sua mercadorização perversa. O futebol é uma prática sociocultural que pode desenvolver nos jogadores e nos aficionados um domínio axiológico mediante o qual como valores a solidariedade, o esforço coletivo, o respeito pelos contendores e pelas regras de bem viver em sociedade estarão em primeiro plano, sendo inclusive uma ocasião de reflexão e formação crítica. (SILVA, 2011, p. 49).

Nesse contexto, cresce o interesse do público não só pelo futebol, mas também pelo acompanhamento das diversas questões que se desprendem da prática futebolística e que não estão restritas à prática do jogo de futebol.

4. Repassando a literatura sobre homofobia e futebol

De modo geral, estudos sobre gênero e diversidade são objetos de apenas 0,19% dos grupos de pesquisa registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como aponta o estudo de Barboza e Silva (2018). A pouca visibilidade desse tipo de investigação científica é preocupante, pois as múltiplas questões culturais, sociais, políticas e de outras ordens que afetam as relações de gênero e de diversidade necessitam ser assumidas como estratégicas pela academia para que se possa produzir uma sociedade mais justa, equânime e igualitária. O tema do futebol, das relações de gênero e das sexualidades ganha relevância quando pensamos no mito da pátria de chuteiras que funciona como um elemento de enquadramento social do comportamento humano e dos modelos de sexualidades aceitáveis desde uma lógica heterocisnormativa. Mas seria este um tema de estudos e objeto de análise da academia?

Como se pode notar na **Tabela 1** e na **Tabela 2**, numa busca por produções bibliográficas no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) utilizando isoladamente os unitermos “FIFA”, “Futebol”, “Homofobia”, “Lesbofobia” e “Queer”, resultou numa ampla gama de textos. Os temas “Futebol”, “Homofobia” e “Queer” se destacam em volume quando vistos isoladamente. Entretanto, quando entrecruzados verifica-se que o estudo do preconceito e da discriminação contra a população LGBTQIA+ é praticamente invisível, o que denota a precariedade da atenção dada pela academia nessa questão.

Tabela 1: Frequência de busca no Portal de Periódicos Capes com unitermos selecionados em qualquer campo.

Unitermo	Total
Queer	13.166
Futebol	2.054
FIFA	549
Homofobia	528
Lesbofobia	13

Fonte: elaborada pelos autores com dados do Portal de Periódicos Capes, 2022.

Tabela 2: Frequência de buscando Portal de Periódicos Capes com unitermos combinados.

Unitermos combinados por título e por assunto	Total
Uso no título dos unitermos futebol + homofobia	3
Uso no assunto dos unitermos futebol + homofobia	5
Uso no título dos unitermos futebol + lesbofobia	0
Uso no assunto dos unitermos futebol + lesbofobia	1
Uso no título dos unitermos futebol + queer	3
Uso no assunto dos unitermos futebol + queer	1
Uso no título dos unitermos FIFA + homofobia	0
Uso no assunto dos unitermos FIFA + homofobia	0
Uso no título dos unitermos FIFA + lesbofobia	0
Uso no assunto dos unitermos FIFA + lesbofobia	0
Uso no título dos unitermos FIFA + queer	0
Uso no assunto dos unitermos FIFA + queer	0

Fonte: elaborada pelos autores com dados do Portal de Periódicos Capes, 2022.

Frente ao amplo universo de produções localizadas isoladamente - só no tema “Futebol” são 2.054 textos -, os cruzamentos no Portal de Periódicos Capes, revelaram apenas 13 textos, sendo que um se repete em dois cruzamentos. O desinteresse ou invisibilidade do tema pode indicar o tabu da sexualidade heterocisnormativa que impera no mundo futebolístico?! Aparentemente, essa questão não ocupa a agenda de produção científica na área das ciências sociais ainda que seja revelador dos elementos que determinam o pacto social que silencia frente às múltiplas formas de violência física, psicológica e simbólica a que pessoas LGBTQIA+ estão submetidas cotidianamente. Destes 13 textos localizados, encontramos que 2 deles se dedicam ao futebol feminino (MOREIRA et al., 2019; TRAJANO et al., 2017), 5 à questão das torcidas organizadas e do torcer (PINTO, 2014; MOURA, 2019; MENDONÇA; MENDONÇA, 2021; PINTO; ALMEIDA, 2018), 6 sobre preconceito racial e homofóbico no futebol (ALMEIDA; SILVA, 2012; MOURA, 2017; CAMARGO, 2018; MARTINS; ASSUNÇÃO, 2019; PEREIRA et al., 2019; SOUZA, 2020). Chama a atenção que os textos que aparecem na busca desse portal foram publicados a partir da segunda década do século XXI, sendo um de 2012, um de 2014, dois de 2017, dois de 2018, quatro de 2019, um de 2020 e um de 2021.

Ainda que sejam poucos, estes textos problematizam questões preocupantes e que se repetem dentro e fora do campo. No que concerne ao torcer, por exemplo, Mendonça e Mendonça (2021) apontam para a gravidade do conteúdo dos cantos homofóbicos entoados pelas torcidas de futebol e que operam como dispositivos discursivos que propagandeam e propagam discursos de ódio. Esses dispositivos atuam como uma rede de práticas homofóbicas contra a população gay que vão desde violências simbólicas até violências físicas que podem chegar aos assassinatos. Disfarçados de manifestações livres que integram o ócio, o lúdico e o lazer que compõem a prática esportiva, esses cânticos atuam como dispositivos pedagógicos que ultrapassam as linhas do campo e os muros dos estádios no instante em que agem como códigos normativos que ensinam sobre os modos possíveis, aceitáveis e aqueles interditados de se ser homem.

Na contramão desse comportamento tóxico e violento, aparecem a cada dia mais esforços, entre torcedoras e torcedores, de combate à LGBTQIA+fobia. Essa é a análise que apresentam Pinto e Almeida (2018) a partir das experiências de torcidas organizadas nos times do Atlético Mineiro (Galo Queer), do São Paulo (Bambi Tricolor) e do Palmeiras (Palmeiras Livre). Além delas, há algumas experiências de resistências em jogo no campo das torcidas, que apontam para um mundo mais diverso, sinalizando para o combate aos preconceitos e violências. As torcidas Gaivotas Fiéis e Fiel LGBT, do Corinthians, Porco íris, do Palmeiras, Fla Gay, do Flamengo, Coral Pride, do Santa Cruz – PE, Marias de Minas, do Cruzeiro, e LGBTricolor, do Bahia, são alguns exemplos de como setores progressistas estão tentando mudar o perverso

cenário homofóbico do futebol brasileiro. Conforme mapeamento do portal Guia Gay São Paulo (2022), há, pelo menos, 16 torcidas organizadas LGBTQIA+ em importantes times de futebol pelo Brasil.

Ao investigarem as trajetórias de movimentos de torcedores/as politicamente posicionados contra a homofobia e a misoginia no futebol, os autores abrem caminho para a problematização do modo como as torcidas se comportam em campo e como dirigentes agem para coibir os preconceitos e a discriminação dentro e fora de campo. As estratégias de visibilidade dessas torcidas organizadas ganham força ao pressionarem pelo direito à diversidade no mundo desportivo e forçam a mudança de conduta tóxica e perigosa que está pautada em um modo de conceber as masculinidades a partir da deslegitimação do outro e da diferença.

Enfrentar as questões relacionadas à homofobia no futebol no Brasil – e no mundo – segue sendo um desafio hercúleo como mostraram Almeida e Silva (2012). Ao analisarem documentos oficiais e revisarem a literatura especializada, os autores identificaram as dificuldades e os desafios para fortalecer a luta contra a homofobia. A reificação do que seria o mundo do “macho” e a reprodução da discriminação no futebol se apresentam como uma estratégia de proteção dos privilégios próprios da falocracia e se pautam na defesa da repressão ao diferente.

Nessa lógica, se assume a binariedade representada na oposição sagrado e profano e se apresenta a masculinidade como algo estático e viril, superior ao feminino e as sexualidades masculinas feminilizadas. A organização das minorias e das parcelas minorizadas, bem como o diálogo se apresentam como alternativas de resistência e de luta para a superação do controle e da dominação-exploração que marginaliza as sexualidades não heterocisnormativas e a cristalização da cultura. A naturalização da cultura se dá a partir da construção e manipulação de crenças e valores societais (SILVA, 2001), sendo a religião um elemento relevante na produção de uma realidade privada de movimento no pensamento e na ação (DANTAS, 2019). Nessa esteira, a relação entre as crenças sobre a natureza da homossexualidade e a homofobia (no futebol) é permeada por valores religiosos.

Pereira *et al.* (2019) realizaram um estudo no qual participaram 184 jogadores de futebol, a maioria do sexo masculino (74%), com idade média de 24,5 anos e puderam averiguar como a presença de crenças e valores religiosos podem influir na percepção preconceituosa das sexualidades heterocisdiscordantes. Os participantes desse estudo responderam as escalas de crenças sobre a homossexualidade, preconceito e expressão emocional. Segundo demonstra o estudo, participantes do sexo feminino se apresentam com menos atitudes preconceituosas do que participantes do sexo masculino. Assim, aparentemente a condição de subalternidade a que mulheres estão subordinadas numa sociedade patriarcal lhes permite mais clareza do que significa o preconceito e a discriminação na composição do fenômeno da homofobia (von SMIGAY, 2002; BORRILLO, 2010; SILVA, 2008, 2012, 2015). Contudo, participantes mais novos exprimem maior homofobia do que os participantes mais velhos. Essa constatação reflete o papel dos processos educativos na internalização de crenças e valores e como estes incidem sob a formação da subjetividade. O tempo e a experiência, por sua vez, podem agir como um elemento flexibilizador de traços absolutos que permeiam a lógica cristalizadora das crenças e dos valores societais (SILVA, 2001).

No concernente às crenças, esportistas com maior adesão às crenças de natureza ético-moral e religiosas acerca da homossexualidade exprimem mais atitudes homofóbicas e intolerantes. Há a clara inferência a natureza criada e ao desígnio divino que justifica a abominação e a injúria a quem não se enquadra nas expectativas morais desses sujeitos. No caso dos esportistas com maior adesão à crença na homossexualidade como produto da cultura se verificam atitudes menos homofóbicas e maior abertura para o acolhimento da diferença.

Certamente há muito mais literatura a ser analisada quando olhamos outras bases de dados como o portal Scielo ou o Google Acadêmico. Mas ainda que se possa ampliar em muito, os achados científicos tendem a apontar para o que trazemos nesse apartado e seguirão sendo o espelho de um universo ainda marginal nas ciências sociais.

5. A CBF e a homofobia no Brasil

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF), não se destaca em sua história por intervenções contra o preconceito e a discriminação. As suas ações no campo do combate ao racismo são muito recentes e pouco efetivas. No tocante à homofobia estas ações ainda são inexistentes do ponto de vista institucional. Aspectos culturais associados ao machismo e a homofobia determinam condutas desportivas que destituem a dignidade de pessoas homossexuais e as afastam do mundo do futebol. Um exemplo, é o fato de a CBF não usar o número 24 para designar membros da seleção brasileira porque o número está associado, no Brasil, ao

“jogo do bicho”, sendo o 24 representado pelo veado. Este, por sua vez, empregado de forma pejorativa e violenta para injuriar, ofender, destituir de dignidade e virilidade a um homem homossexual. Jogar com esse número significaria associar a pessoa à homossexualidade e abrir as portas para um assédio legitimado pela cultura preconceituosa e machista.

Nada a esse respeito foi feito pela CBF quanto a manutenção de uma cultura que agride a dignidade da pessoa. Além disso, não usar a numeração é uma forma de silenciar e autorizar o preconceito e a discriminação, bem como o deboche e o assédio. Recentemente a CBF teve que manifestar-se a esse respeito, após instada por demanda judicial apresentada pelo Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT (GAI). Ao entrar com uma ação judicial para que a CBF explicasse os motivos de não usar essa numeração, o grupo procurou a Justiça brasileira que acolheu a demanda. O juiz Ricardo Cyfer, instou a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) a explicar o porquê de o número 24 não ser utilizado por nenhum jogador da seleção do Brasil na Copa América (e em qualquer evento desportivo que o Brasil participe).

Além de instar a CBF judicialmente, o GAI também interpelou publicamente a CBF, ao perguntar-lhe se “A não inclusão do número 24 no uniforme nas competições constitui uma política deliberada da interpelada? Em caso negativo, qual o motivo da não inclusão do número 24 no uniforme? Existe alguma orientação da FIFA ou da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) sobre o registro de jogadores com o número 24 na camiseta? Ao observarmos as numerações das camisetas das equipes no torneio sul-americano, a única formação que não exibe o ‘24’ é a brasileira (O JOGO, 2021).

Fica patente o fato do não uso do 24 no Brasil estar historicamente associado à orientação gay e, portanto, indicar que um jogador poderia ferir o estatuto do viriarcado. O talento desportivo em nada se relaciona com a orientação do desejo e em nada está condicionado à virilidade ou ao suposto de ‘macheza’ que caracterizaria homens talentosos que joguem futebol (ou qualquer outro esporte). Mas a internalização e a produção de crenças e valores societais em torno ao tema têm sido o elemento justificador da violência homofóbica que perpassa o mundo do futebol dentro e fora de campo e interfere na dinâmica cotidiana da vida, visto que esta cultura atua na propagação de uma pedagogia cotidiana da violência machista, misógina e homofóbica, em última instância, uma pedagogia da morte (MATHIEU, 1985; SAFFIOTI, 1987, 2013).

A homofobia no futebol aparece até na escolha do número da camisa dos jogadores. Silenciar frente a fatos que corroborem essa cultura é autorizar os horrores que dela emergem e instituições como a CBF não podem calar-se frente a isso. Em 28 de junho de 2021, por ocasião do dia internacional do orgulho LGBTQIA+, a CBF publicou em seu Twitter a seguinte mensagem: “O futebol brasileiro não tem espaço para preconceito! A CBF apoia a luta contra a homofobia e a transfobia. Somos Todos Iguais! 28 de junho: Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+”. Como observa-se na **Figura 1** abaixo, esta estava acompanhada do brasão da CBF estampado em uma bandeira LGBTQIA+.



Fonte: Twitter @CBF_Futebol, 2021.

Figura 1: Brasão CBF nas cores do arco-íris.

Mas manifestações em redes sociais não são suficientes sem que se implemente uma política efetiva de combate ao preconceito. A ação do GAI afirma que “É dela [CBF] a responsabilidade de mudar esta cultura dentro do futebol. Quando a CBF se exime de participar, a torcida entende que é permitido, que é aceitável, e o posicionamento faz com que, aos poucos, esta cultura mude”. A ação da CBF segue sendo imperiosa e necessária. O controle social e o controle institucional do esporte são imprescindíveis para a transformação das práticas culturais nefastas que marcam o futebol. Exemplos de como é imperioso o exercício de controle institucional por parte da CBF pode ser visto em muitos casos.

Destacamos, a título de exemplo, quatro casos da cultura do preconceito no universo do futebol, sendo o primeiro o caso do ex-jogador do São Paulo, Richarlyson. Ele é, quem sabe, o jogador brasileiro mais perseguido com ofensas homofóbicas. Perseguido e desprestigiado, desrespeitado pela suspeita de ser gay, ainda que tenha se assumido recentemente, após incontáveis manifestações contra sua imagem e sexualidade. Enquanto jogou, sempre teve sua competência posta em xeque por dirigentes e torcidas, sempre foi diminuído frente ao “risco de ser gay”. Contudo, ele sempre questionou a cultura homofóbica do futebol. E ele questiona: “Quer dizer que no futebol não pode haver o homossexual? E por causa disso ele deixa de ser um grande profissional? [...] O que me deixa intrigado sobre essa questão de manifestações homofóbicas dentro do futebol é que quer dizer que se o cara for gay, ele não pode jogar? Por que não pode jogar?”, declarou (FERA, 2017).

Ainda em relação ao ex-jogador, em um episódio grotesco, que beira o absurdo, a Justiça do Estado de São Paulo rejeitou o requerimento de Richarlyson, em 2007, quando o atleta moveu ação judicial em função de comentários homofóbicos feitos a seu respeito em um programa televisivo. A sentença judicial, carregada de preconceitos e falhas jurídicas, trouxe pérolas de ignorância e preconceito, tais como: “Futebol é jogo viril, varonil, não homossexual. Há hinos que consagram esta condição” e “o que não se mostra razoável é a aceitação de homossexuais no futebol brasileiro, porque prejudicariam a uniformidade de pensamento da equipe, o entrosamento, o equilíbrio, o ideal” (CONJUR, 2008). A partir da atuação da comunidade LGBTQIA+, o Tribunal de Justiça de São Paulo revisitou o caso e aplicou pena de censura ao juiz Manoel Maximiano Junqueira Filho, da 9ª Vara Criminal Central de São Paulo, por considerar que o magistrado agiu com impropriedade absoluta de linguagem na sentença dada no caso Richarlyson, em julho de 2007.

Outro caso se refere ao uso da camisa 24 no Corinthians. O jogador contratado pelo Corinthians Victor Cantillo usava em sua equipe anterior o número 24 e foi desaconselhado pela diretoria do Corinthians pela associação do número à homossexualidade. “Vinte e quatro aqui não!” disse o diretor de futebol do clube, Duílio Monteiro Alves (GE, 2020). O terceiro caso envolve a atitude preconceituosa da torcida e a ação do árbitro. A suspensão do jogo entre Vasco e São Paulo em 25 de agosto de 2019 pelo árbitro Anderson Daronco que registrou na súmula: “Relato que aos 17 minutos do segundo tempo houve um canto vindo da arquibancada da torcida do Vasco em que dizia: “Time de viado”. Aos 19 minutos do segundo tempo a partida foi paralisada para informar ao delegado do jogo e aos capitães de ambas as equipes a necessidade de não acontecer novamente e para informar no sistema de som do estádio o pedido para que os torcedores não gritassem mais palavras homofóbicas” (GE, 2019).

O quarto caso refere-se à escolha da arbitragem e a orientação sexual do juiz: o árbitro da CBF John Andson. Após assumir-se publicamente gay, Andson deixou de ser escalado para apitar regularmente jogos e sofreu retaliações que lhe colocaram em necessidades econômicas uma vez que se dedica exclusivamente ao trabalho da arbitragem. Parece que ao tornar-se publicamente gay sua competência o abandonou ou o mais provável é que ao assumir sua condição homossexual sua imagem de competência técnica deu lugar a de traidor da virilidade, de perigo para a masculinidade tóxica (FEITOSA, 2022).

Estes quatro exemplos apenas ressaltam a emergência de providências a serem tomadas pelos dirigentes do futebol. Jogadores, torcedores, clubes e a sociedade padecem pela tolerância do intolerável. A acolhida de profissionais como jogadores, técnicos, juizes e a de torcedores homossexuais fará o esporte mais diverso e contribuirá profundamente para a transformação da sociedade, sobretudo em um país que erigiu o mito da pátria de chuteiras.

Equipes como o Vasco da Gama têm protagonizado ações contundentes contra o viriarcado futebolístico e em prol das diversidades, sendo um exemplo a ser seguido. As ações do time favoráveis ao movimento LGBTQIA+ acontecem dentro e fora das quatro linhas. Durante o jogo contra o Brusque no dia 27 de junho de 2021, por exemplo, o uniforme usado e as bandeiras de escanteio do campo aludiam à comunidade LGBTQIA+. Fora de campo, em suas plataformas oficiais, o Clube promove iniciativas contra a homofobia e transfobia e publicou a carta *Respeito e Diversidade* na qual “O Vasco convida clubes, atletas, torcedores, dirigentes, federações e sociedade para um compromisso conjunto de debate acerca da homofobia e da transfobia” (VASCO DA GAMA, 2021). Abaixo a **Figura 2** é muito ilustrativa desse compromisso do clube carioca. Na primeira vê-se ao time entrando em campo com uma faixa onde se lê “Homofobia é Crime”, na segunda se vê o jogador Cano celebrando seu gol e agitando a bandeirola de escanteio do campo nas cores do arco-íris e na terceira se vê o Juiz com os capitães das equipes do Brusque e do Vasco, sendo que o capitão vascaíno porta a camisa com a tradicional faixa estampada nas cores do arco-íris.



Fotos: Rafael Ribeiro, Vasco, 2021.

Figura 2: Vasco contra a Homofobia.

6. A homofobia na Copa do Mundo FIFA 2022

As questões concernentes à LGBTQIA+fobia num megaevento como a copa do mundo ultrapassa as fronteiras do evento em si, e as limitações das vidas de quem a ele esteja relacionado de alguma maneira. Na verdade, ao acolherem esses eventos, as nações anfitriãs colocam a olhos vistos seus padrões culturais, normativos e políticos. O modo como tratam a diferença e a diversidade, a maneira como constroem a igualdade ou a reprimem em prol de interesses hetero-patriarcais e econômicos. Não há modo de se observar um megaevento do porte da copa do mundo como sendo uma mera e simples competição esportiva entre nações, sem os atravessamentos do político e da política, onde o direito e a igualdade não são atores relevantes na cena do espetáculo. Assim, não podemos reduzir a Copa do Mundo da FIFA a seus atletas e dirigentes, às equipes preparadoras e aos técnicos, aos torcedores e torcedoras e aos turistas, ao comércio e a quem se voluntaria para trabalhar no evento. A Copa do Mundo altera e evidencia territorialidades objetivas e subjetivas, pois afeta os espaços, as vidas e os lugares (VALVERDE, 2012).

No caso do Qatar, sede da copa do mundo 2022, a homossexualidade é considerada um crime. O Código Penal do país em seu artigo 296 condena relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo (sodomia), punindo quem as pratique com penas de 3 a 5 anos de prisão, sendo a pena máxima o apedrejamento. É reveladora a declaração do médico e ativista catariano Nas Mohamed à BBC News Brasil: “Eu vivia com um medo constante. Pensei que me matariam se soubessem que sou gay, se isso se tornasse público. Os crimes de honra são muito tribais no Catar. Algumas famílias fazem isso, outras não, e o governo tenta não intervir.” (BBC News Brasil, 2022). Paradoxalmente, Nasser Al Kather, executivo chefe da Copa do Mundo FIFA 2022 no Qatar afirma que o país garante que os gays que estiverem entre as quase 2,5 milhões de pessoas que solicitaram ingressos para a Copa do Mundo, serão bem-vindos ao país. Segundo Al Kather “Gostaria de garantir a qualquer torcedor, de qualquer gênero, orientação [sexual], religião ou raça, que tenha certeza de que o Catar é um dos países mais seguros do mundo e todos são bem-vindos aqui”, mas “demonstrações públicas de afeto são malvistas, não fazem parte da nossa cultura, e isso se aplica a todos”. (BBC News Brasil, 2022). Caneparo (2022, p. 2), pontua o quadro de violações de direitos humanos presentes no Qatar:

Ainda que o Qatar faça parte de diversos tratados que versam sobre direitos humanos – cito aqui alguns exemplos, como a Convenção Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, o Pacto Internacional dos Direitos Civis e Políticos, o Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais, a Convenção contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanas ou Degradantes, a Convenção dos Direitos das Crianças e, pasmem vocês (!), a Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher -, constatam-se diversas violações (todas relatadas por organismos internacionais), dentre as quais pontuo: restrições à liberdade de expressão; restrições à reunião pacífica e à liberdade de associação; restrição à liberdade de circulação dos trabalhadores migrantes; limites à capacidade dos cidadão de escolherem o seu governo em eleições livres e justas; falta de investigação e responsabilização pela violência contra as mulheres; criminalização da relação consensual entre o mesmo sexo; trabalhos forçados; e, por fim, a instituição de pena de morte especialmente para os estrangeiros – vide o que ocorreu em fevereiro, quando um tunisiano foi condenado à pena de morte sem qualquer informação adicional pelo governo.

Há alguma segurança de certa liberdade a quem for turista LGBTQIA+, mas se a pessoa LGBTQIA+ for catariana, a segurança que tem é a de que se for descoberta poderá morrer.

Grupos defensores dos direitos LGBTQIA+ protestaram quando da escolha do Qatar como sede da Copa do Mundo FIFA 2022, pois serviria de apoio a um país no qual os direitos humanos podem ser violados seja no tocante aos direitos de pessoas homossexuais, transexuais ou de mulheres. Ed Connel, porta voz da *Gay Football Supporters Network*, por exemplo, questionou a escolha do Qatar como sede da copa, uma vez que o país criminalizava a homossexualidade. Para ele,

A FIFA está a tentar enviar uma mensagem de que a homofobia é inaceitável, mas ao mesmo tempo apoia um país onde a homossexualidade é ilegal. Como é que as pessoas vão interpretar o compromisso da FIFA em combater a homofobia quando apoiam um país desta forma? É uma mensagem muito contraditória (PORTAL DEZANOVE, 2010).

Todavia, o questionamento maior era sobre o real compromisso da FIFA com a luta contra a homofobia, uma vez que ao conceder o direito de realizar o evento a um país com legislação homofóbica sem exigir-lhe qualquer revisão, fica patente a fragilidade deste compromisso da FIFA em face a seus interesses econômicos. Não basta a FIFA hastear a bandeira LGBTQIA+ em sua sede no mês do orgulho, ela precisa atuar efetivamente para garantir esses direitos em países que a integram (FIFA, 2022). Como denuncia o estudo realizado por Loft e Woodhouse (2022) à *House of Commons* não existem grupos LGBTQIA+ legais no país, visto a orientação sexual não ser reconhecida como um direito humano por aquele governo. Nesse contexto, a FIFA silencia e pouco ou nada faz para implementar mudanças que melhorem a vida dessas pessoas, ainda que o Conselho de Direitos Humanos da entidade – órgão independente criado em 2017 e composto por oito membros – tenha recomendado que se pressionasse as autoridades do Qatar para que sejam dadas garantias de que a comunidade LGBTQIA+ não sofreria ameaças durante a Copa. Conforme noticiado na imprensa, o relatório da comissão assim orientava:

A Fifa tem que analisar de forma mais abrangente os riscos reais para os indivíduos devido à sua orientação sexual ou identidade de gênero em conexão à organização do torneio. Isso deve ir além dos fãs internacionais e também considerar membros da comunidade local que podem enfrentar ameaças ainda maiores (CDH FIFA apud RIZZO, 2019).

É clara a preocupação com temas de direitos das mulheres e LGBTQIA+ e com o uso da censura pelo governo do Qatar. A questão é a provisoriedade da preocupação. Uma vez terminada a Copa do Mundo FIFA 2022 é provável que tudo fique como antes ou mesmo que esse cenário piore. As garantias obtidas pela FIFA de que ninguém será preso por ser gay ou lésbica, inclusive catarianos ou residentes do país, são deveras frágeis e depende de como os agentes locais interpretem a lei em vigor ou a ignorem, visto que não há direitos legais para essa população, seja ela estrangeira ou nacional. No tocante à liberdade de imprensa a censura é clara no instante em que reportagens que tratavam do tema LGBTQIA+ foram indisponibilizadas no Qatar: um exemplo foi o especial do jornal estadunidense *The New York Times* publicado em 2018 que tratava dos direitos LGBT, e que não foi veiculado no Qatar.

Na tentativa de pressionar o Qatar por mudanças – ao menos durante a Copa do Mundo FIFA 2022 – representantes de oito seleções europeias que ao disputar a Copa do Mundo realizarão campanha contra a homofobia no Qatar. Os capitães das seleções da Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, País de Gales e Suíça pretendiam colocar um coração com as cores do arco-íris em suas braçadeiras em apoio ao movimento *One Love* criado em 2020 na Holanda (**Figura 3**). A eles se associaram os capitães da Noruega e da Suécia que não foram classificados para o mundial 2022.



Fonte: Reuters. Fotos de atletas utilizando as braçadeiras do movimento *One Love*, 2020.

Figura 3: Capitães com as braçadeiras *One Love*.

O movimento contra a discriminação é liderado pela Federação Holandesa, que escolheu as cores do arco-íris para representar todas as heranças, origens, gêneros, identidades e orientações sexuais. A braçadeira seria usada no Qatar para denunciar a criminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo. Nesse sentido, mensagens importantes foram veiculadas, respectivamente, por Virgil van Dijk, capitão da Holanda, Manuel Neuer, capitão da Alemanha, e Harry Kane capitão da Inglaterra:

Esta é uma mensagem importante e adequada ao jogo de futebol: em campo todos são iguais e isso deveria ser o caso em todos os lugares da sociedade. Com a faixa *One Love*, expressamos essa mensagem. (...) Em nome da seleção holandesa, uso esta braçadeira há algum tempo. É bom ver que outros países estão aderindo a esta iniciativa. (van Dijk, *apud* RONALD, 2022. Tradução nossa).

Nosso amor pelo futebol nos une a todos. Não importa de onde você vem, como você se parece e quem você ama. O futebol existe para todos e nosso esporte deve defender as pessoas em todo o mundo que enfrentam discriminação e exclusão. (...) Estou orgulhoso de enviar esta mensagem aos meus colegas das outras seleções. Cada voz conta. (Manuel Neuer *apud* RONALD, 2022. Tradução nossa).

Como capitães, podemos estar todos competindo uns contra os outros em campo, mas estamos juntos contra todas as formas de discriminação. Isso é ainda mais relevante em um momento em que a divisão é comum na sociedade. Usar a braçadeira juntos em nome de nossas equipes enviará uma mensagem clara quando o mundo estiver assistindo. (Harry Kane, *apud* RONALD, 2022. Tradução nossa).

Esse movimento é fundamental quando no mundo ainda há 70 países que criminalizam a sexualidade heterocisdiscordante. Destes, 11 países podem chegar a aplicar pena de morte às pessoas adultas do mesmo sexo que mantêm relações sexuais consensuais; 26 países têm penas que vão desde os 10 anos de prisão à cadeia perpétua; 31 países penalizam com até 8 anos de prisão; 2 países criminalizam na prática esse tipo de relação sem que haja legislação. Na Copa do Mundo FIFA 2022, além do Qatar, jogarão outros 7 países que também criminalizam a homossexualidade: Arábia Saudita, Camarões, Gana, Irã, Senegal, Tunísia e Marrocos. Dos 32 países participantes da copa do mundo, a FIFA admite 8 com legislações que podem chegar à pena de morte, o que equivale a 25% dos países classificados para o mundial.

É fato que a FIFA chegou a punir a torcida mexicana por grito homofóbico durante a Copa da Rússia, país com lei que proíbe demonstrações homoafetivas entre pessoas do mesmo sexo. O costume de entoar cânticos considerados homofóbicos é recorrente em muitos países e essa prática por mexicanos contra alemães foi punida pela FIFA. A cada vez que o goleiro Manuel Neuer cobrava um tiro de meta, a torcida mexicana lhe gritava “puto”, que significa algo como “Bicha”, “Boiola” “Veado” em português. Comum em diversas torcidas pelo mundo, o teor homofóbico das manifestações de torcidas e de torcedores já foi punido outras sete vezes pela entidade. Ainda que correta a punição aplicada à Federação Mexicana de Futebol é marcada pela contradição, uma vez que a entidade permite que a Copa do Mundo tivesse (e tenha) como palco um país que criminaliza a exibição pública da sexualidade. Na Rússia ser publicamente gay pode terminar em multa ou prisão a partir do que prescreve a lei de propaganda do país. De fato, está criminalizada possibilidade de se assumir com sua identidade de gênero, sua orientação sexual. Agora o mesmo ocorre na Copa do Qatar e parece ficar evidente que o limite das ações da FIFA depende dos impactos que estas podem ter sobre os seus interesses econômicos. A Rússia institucionalizou a homofobia e a FIFA calou.

Não é à toa que existem sérias preocupações com o trato de estrangeiros e locais LGBTQIA+ no Qatar, país onde a pena de morte pode ocorrer por apedrejamento. Nesse cenário, a iniciativa dos países que aderiram ao movimento *One Love* força a FIFA a posicionar-se claramente contra a homofobia ou a tornar pública sua própria homofobia institucional alimentada pelo mercado. No instante em que os países adeptos do *One Love* decidem usar as braçadeiras de corações que ainda pode ser escamoteado ou posto sob o tapete, proibir o seu uso soa admitir práticas antiLGBTs pelo mundo e por seus países membro. E o regulamento não é suficiente, desta vez, para eximir a FIFA de responsabilidades políticas e vitais, visto que a própria vida está em jogo.

Lamentavelmente as braçadeiras não foram aprovadas pela FIFA sob o pretexto de que as regras são rígidas e estabelecem os modos como todas as seleções devem se vestir no torneio e a “padronização” das braçadeiras é uma dessas normativas. A entidade se apoiou no fato de que as regras foram discutidas e aprovadas em junho em Doha e certificadas em agosto por todos os participantes da competição em Zurique.

A questão é se estas justificativas serão suficientes para proteger a FIFA e ocultar sua homofobia institucional ou se a pressão social do ocidente capitaneado pelos países do *One Love* surtirá efeito e trará mudanças na instituição e no regulamento das copas. Do ponto de vista do desejo de justiça e em nome da padronização regulamentar seria um sinal contundente de seu compromisso com os direitos humanos no mundo uma decisão da entidade pela adesão as braçadeiras *One Love*, o que faria com que todas as seleções usem a braçadeira com o coração anti-homofobia. Não obstante, é sabido que esse caminho geraria um clima de guerra entre países e as diferenças religiosas que sustentam desigualdades viriam à tona produzindo o caos na instituição. Mas a pergunta a ser feita é: Pode – e deve – uma instituição do tamanho e grandeza da FIFA se calar? E se cala, qual o peso, o preço e as consequências de seu silêncio omissivo?

Se a luta contra a homofobia é uma bandeira da FIFA não pode haver concessões, sobretudo aquelas que se ocultam nas formas e normativas. O padrão dos uniformes não pode ser a guarida dos que defendem práticas e posturas homofóbicas! Com os jogos em andamento, no dia 21 de novembro de 2022 a FIFA, amparando-se no artigo 13.8.1 do Regulamento de Equipamentos, que afirma na competição “o capitão de cada equipe deve usar a braçadeira fornecida pela FIFA”, baniu a iniciativa das sete seleções do movimento *One Love* e ameaçou punir com cartão amarelo os jogadores que entrassem em campo com elas. Em face a decisão de assumir punições econômicas, foram amordaçados atletas e entidades; tolhendo a possibilidade de manifestarem-se em defesa dos direitos humanos em um país que francamente os desrespeita. A FIFA, inclusive, impediu que a seleção da Dinamarca usasse em seus treinos o uniforme com a frase “Direitos humanos para todos!” sob justificativa de que os jogos não são políticos e o foco é o futebol. Portanto, esse tipo de postura contrasta com o fato da entidade máxima do futebol lançar uma campanha “#SemDiscriminação” na Copa do Mundo da FIFA Qatar 2022.

Não obstante, essa decisão sobre o uso das braçadeiras não ficou sem reação. As sete federações lançaram uma nota de posicionamento e protesto deixando explícita a sua frustração como entidade internacional:

A FIFA deixou muito claro que imporá sanções esportivas se nossos capitães usarem as braçadeiras no campo de jogo. Como federações nacionais, não podemos colocar nossos jogadores em uma posição em que possam enfrentar sanções esportivas, incluindo cartões amarelos, por isso pedimos aos capitães que não tentem usar as braçadeiras nos jogos da Copa do Mundo da FIFA. Estávamos preparados para pagar multas que normalmente se aplicariam a violações dos regulamentos do kit e tínhamos um forte compromisso de usar a braçadeira. No entanto, não podemos colocar nossos jogadores na situação em que possam receber um cartão amarelo ou até mesmo serem forçados a deixar o campo de jogo. Estamos muito frustrados com a decisão da FIFA, que acreditamos ser sem precedentes – escrevemos à FIFA em setembro informando sobre nosso desejo de usar a braçadeira *One Love* para apoiar ativamente a inclusão no futebol, e não tivemos resposta. Nossos jogadores e treinadores estão desapontados – eles são fortes defensores da inclusão e mostrarão apoio de outras maneiras (ESPN, 2022).

Em entrevista no dia 22 de novembro à Rádio alemã Deutschlandfunk, o diretor de mídia da DFB, Steffen Simon, denunciou que os times foram vítimas de “chantagem extrema” para não usarem a braçadeira. Simon contou que:

O diretor do torneio foi até o time inglês e falou sobre várias violações de regras e ameaçou com sanções esportivas massivas sem especificar quais seriam. (...) Perdemos a braçadeira e é muito doloroso, mas somos as mesmas pessoas de antes com os mesmos valores. Não somos impostores que afirmam ter valores e depois os traem. (...) Estávamos em uma situação extrema, em uma chantagem extrema (SIMON *apud* DW, 23/11/2022).

A frustração gerada pela FIFA impacta profundamente no modo como se pode ver a agressão aos direitos humanos por meio da dubiedade expressa no discurso da entidade e nas ações punitivas que mais parecem calar frente as práticas discriminatórias normalizadas nos dois últimos países sede (Rússia e Qatar). Ainda assim, as seleções do movimento *One Love* buscaram meios de se manifestar. Três exemplos que merecem destaque vieram da Inglaterra, dos Países Baixos (Holanda) e da Alemanha.

Ameaçadas de punições massivas conforme o relato de Simon, as seleções não puderam portar as braçadeiras. Mas sua mensagem entrou em campo, a despeito das proibições da FIFA e do Qatar. O item arco-íris *One Love* surgiu em campo graças à comentarista da BBC, Alex Scott, que a vestiu durante a transmissão do jogo entre Inglaterra x Irã, em 21/11/2022 (**Figura 4**). Assim como Alex Scott, ex-jogadora de futebol feminino, a BBC decidiu demonstrar seu descontentamento com o Qatar e a Copa do Mundo FIFA 2022 ao não transmitir a cerimônia de abertura do evento e exibir um especial sobre as políticas de abuso aos

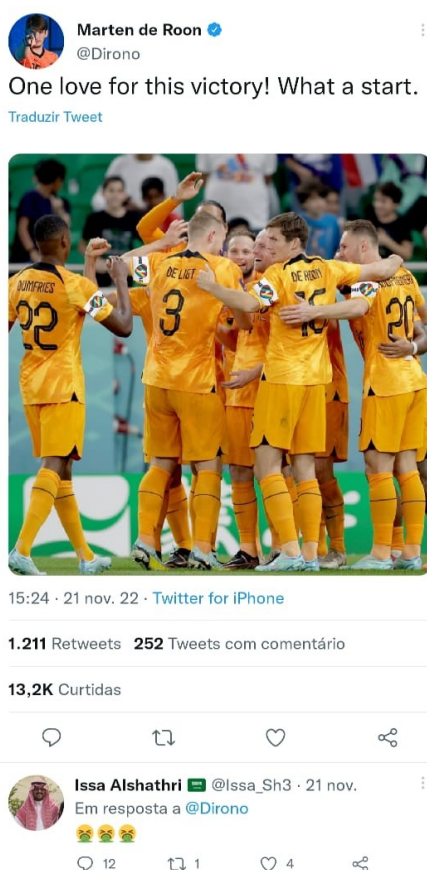
direitos humanos no país. O feito de Alex foi motivo de celebração na Inglaterra, como se pode ver no comentário do Twitter do importante radialista e jornalista esportivo Roger Bennett: “A Fifa pode ter banido a Inglaterra de usar a Braçadeira do Orgulho em campo na Copa do Mundo, mas a analista inglesa Alex Scott está usando na lateral enquanto fala com a nação. Positividade 1, distopia 0.” (BENNETT, 2022).



Fonte: BBC, 2022.

Figura 4: E a braçadeira *One Love* entra em campo no Qatar.

É fato que se o protesto não pôde acontecer dentro do campo, ele acabou vindo de fora dos gramados. No caso da seleção dos Países Baixos (Holanda) isso ocorreu após vencer a equipe do Senegal. Uma foto da equipe celebrando a vitória foi montada como se todos os atletas estivessem usando a braçadeira *One Love*. Ao final o protesto direcionado ao Qatar e em apoio à comunidade LGBTQIA+ durante a estreia na Copa do Mundo veio com ajuda digital. A imagem foi feita e divulgada no Twitter em 21 de novembro pelo meio campista Marten de Roon e nela se lê “Um amor por esta vitória. Que começo!”. Na base da **Figura 5** se vê a reação de nojo com *emoji* de vômito de um saudita à publicação de Roon.



Fonte: @Marten de Roon, Twitter, @Dirono 2022.

Figura 5: “Um amor por esta vitória. Que começo!”

Mas o ato mais marcante de resistência e repúdio à discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ veio da Alemanha. As manifestações foram intensas e vieram da Federação Alemã, da seleção e do governo nacional. A Federação Alemã de Futebol (DFB) classificou a decisão da FIFA como uma “censura extrema” e antes do duelo contra o Japão começaram os jogadores taparam a boca em protesto ao fazerem a foto oficial da partida (**Figura 6**).



Fonte: Reuters, 2022.

Figura 6: Foto oficial do jogo Japão x Alemanha

Em seu comunicado no Twitter (**Figura 7**) no dia 23 de novembro, a Federação Alemã de Futebol (DFB) afirmou:

Queríamos usar nossa braçadeira de capitão para defender os valores que mantemos na seleção alemã: diversidade e respeito mútuo. Junto com outras nações, queríamos que nossa voz fosse ouvida. Não se tratava de fazer uma declaração política – os direitos humanos não são negociáveis. Isso deveria ser dado como certo, mas ainda não é o caso. É por isso que esta mensagem é tão importante para nós. Negar-nos a braçadeira é o mesmo que nos negar a voz. Mantemos nossa posição. (DFB, 2022. Tradução nossa).



Fonte: Twitter @DFB_Team, 23/11/2022.

Figura 7: Voz negada.

Em apoio a sua equipe e em franca oposição a decisão da FIFA, o governo alemão, por meio de seu porta-voz Steffen Hebestreit, afirmou que

Nossa equipe representa nosso país e nossa diversidade e nós, como governo, somos da opinião de que o esporte pode escolher autonomamente seus próprios meios para fazer campanha por valores como diversidade e tolerância [...] Vemos que aparentemente não é possível, no âmbito desta Copa do Mundo, se posicionar ou exibir um símbolo de compromisso [com a causa LGBTQIA+ ...] Muito Lamentável! (HEBESTREIT apud G1 MUNDO, 2022).

O apoio foi politicamente tão expressivo que a Ministra do Interior e Comunidades da Alemanha, Nancy Faeser, declarou na véspera do jogo ao tabloide alemão Bild que

Proibir a braçadeira “*One Love*” é um grande erro da FIFA. É de partir o coração de todos os torcedores como a FIFA também está transferindo esse conflito para as costas dos jogadores. Escancara como a entidade usa ameaças para impedir que os jogadores defendam a tolerância. Deveria ser possível mostrar a diversidade abertamente. E é mais do que lamentável que as federações europeias não tenham se oposto a isso juntas. Isso teria sido um sinal importante (FAESER apud OPERA MUNDI, 2022).

Durante visita a um evento da federação alemã em Doha, Faeser disse, antes do jogo: “Nos tempos de hoje é incompreensível que a FIFA não queira que as pessoas defendam abertamente a tolerância contra a discriminação. Não cabe nos nossos tempos e não é apropriado para as pessoas”. Faeser utilizou durante a jogo da Alemanha contra o Japão a braçadeira *One Love* em solidariedade à DFB e aos jogadores (**Figura 8**). Seu ato é ainda mais flagrante porque ela assistiu à partida sentada na arquibancada ao lado do presidente da FIFA, Gianni Infantino e a representantes do governo catariano (ABDALAZEM, 2022).



Fonte: Reuters. Foto Kai Pfaffenbach, 2022.

Figura 8: Ministra alemã Nancy Faeser vestida com uma braçadeira *One Love*.

A decisão da FIFA é grave frente ao modo como o país anfitrião tem atuado: menos de duas semanas antes das finais, Khalid Salman, embaixador da Copa do Mundo do Qatar disse à emissora alemã ZDF que a homossexualidade é um “dano na mente” e qualquer pessoa que venha ao Qatar deve “aceitar nossas regras aqui”. A resistência expressa pelo movimento *One Love* se mostrou necessária e o apoio popular de seus países estratégico. Ainda assim, a FIFA seguiu deliberadamente dando sinais de tolerar o intolerável, apesar de em seus comunicados apontar para o apoio dos direitos humanos e da comunidade LGBTQIA+.

Fato é que a disputa não se deu só por uma braçadeira. Nela está representado uma luta por uma conduta pautada no direito a ter direitos e em uma ética da igualdade.

7. Considerações (finais) para uma agenda positiva

Não são poucas as questões que foram levantadas nesse artigo, mas são muitas mais as que não couberam nessas páginas e mereceriam ser objeto de discussão mais atida e aprofundada. As reflexões aqui partilhadas nos conduzem a pensar em uma agenda positiva para o combate à homofobia juntamente com o combate ao racismo e a misoginia. Ações nesse campo urgem! As manifestações dos clubes e entidades não pode se reduzir as comemorações do dia 28 de junho, um dia tão importante na luta dos movimentos LGBTQIA+ por visibilidade e pelo direito de existir plenamente. Mas como a data bem diz, é apenas um dia. Há muitos outros nos quais a questão da LGBTQIA+fobia não pode ser esquecida. Muitos clubes vieram a público dizer que estão aliados à luta contra a homofobia. Portanto, ganha relevo constatar que a mobilização vinda de

dentro de cada um deles traz esperanças para que um dos ambientes mais LGBTfóbicos e misóginos do mundo seja transformado.

Mudar o mundo do futebol é mudar a sociedade no qual ele tem lugar! Nessa luta, precisamos de aliados em todos os lugares e de todos os tipos. Sem aliados verdadeiramente comprometidos conquistar o direito de amar e de não nos matarem apenas por sermos homossexuais, bissexuais, travestis, pessoas trans seguirá sendo um ato de coragem e risco. Infelizmente, ainda são poucas as agremiações que acolhem e incorporam nas suas agendas a luta contra a LGBTQIA+fobia e é urgente que as entidades futebolísticas façam muito mais do que ações pontuais nas redes sociais em dias de celebração. É preciso se construir uma agenda positiva capaz de incidir sobre a cultura e as práticas machistas, racistas e homofóbicas que sustentam todas as formas de violência de gênero (VON SMIGAY, 2002).

Nesta agenda é importante que os clubes e entidades conheçam seu público LGBTQIA+, saibam qual seu percentual na torcida, entre seus sócios. Pesquisar em seus públicos elementos como raça, gênero e orientação/identidade sexual pode ser importante para se desconstruir a ficção de que futebol é coisa de “macho heterossexual”. Garantir a participação de pessoas LGBTQIA+ de suas torcidas organizadas ou acriação de torcidas específicas, bem como a veiculação de campanhas educativas em prol da diversidade é um elemento estratégico. Fazê-lo pode ajudar a criar um ambiente mais acolhedor e seguro para que a comunidade LGBTQIA+ frequente os estádios e integre a vida cotidiana das suas equipes e entidades. Reformular o modo que se organiza administrativamente o mundo da bola é outro elemento a ser integrado nesta agenda. A composição dos quadros de conselheiros e diretivos precisa incluir pessoas LGBTQIA+, assim como pessoas negras e mulheres para que eles sejam representativos de todas as pessoas que fazem do futebol uma realidade.

Em certa medida, o mundo do futebol precisa encontrar-se com práticas de educação em direitos humanos. A educação em direitos humanos poderá atuar na mudança de corações e mentes que hoje destilam preconceitos que levam a mortes. Essas práticas educativas devem alcançar atletas, comissão técnica, sócios, funcionários patrocinadores e torcida. Os eventos, canais de mídia e jogos devem servir como palco para ações de educação em direitos humanos que não apenas coíbam atos discriminatórios, mas que possibilitem a mudança de pensamento e ação quando o tema é diversidade e diferença.

Nesse caminho, vestir, no Brasil a camisa com o número 24 é pedagógico, educativo e inclusivo, da mesma forma que a braçadeira que as equipes lideradas pela Holanda desejam usar na Copa do Mundo FIFA 2022 também o é. Não se trata de um discurso genérico a favor dos direitos humanos, mas o fim de tudo que atinge a dignidade humana. Basta de cânticos ofensivos, bananas em campo, termos pejorativos e ataques físicos para enquadrar a moralidade discordante. A luta no mundo do futebol contra a LGBTQIA+fobia ainda passa por interesses econômicos que estão na agenda das grandes entidades nacionais e internacionais. Tais interesses condicionam os limites da ação contra o preconceito e a discriminação e são reforçados pela internalização da homofobia que ganha formas institucionais de persistir viva e vitimando as pessoas LGBT e a própria sociedade. Uma agenda que regule e, definitivamente puna quem comete atos discriminatórios acompanhada de práticas educativas em direitos humanos precisa ser incorporada para que o flagelo mortal da LGBTQIA+fobia seja extirpada juntamente com as chagas do racismo e da misoginia.

O futebol não é o mundo dos machos, é o mundo de todas, todos e todes! Libertar o futebol dessa triste realidade é agir para fazer um outro mundo possível onde a igualdade, a equidade e a justiça são as balizas das ações humanas.

8. Referências

ABDALAZEM, R. Germany's Nancy Faeser wears the One Love armband, sits next to Infantino. **AS online sports newspaper**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3BMXm9w> Acessado em: 30 de nov. de 2022.

ADORNO, T. W. *et al.* **La Personalidade Autoritária**. Buenos Aires: Editorial Proyección, 1965.

ALLPORT, G. W.; KRAMER, B. M. Some roots of prejudice. **The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied**, 22, 9–39, 1946.

ALMEIDA, M. B.; SILVA, A. S. O futebol no banco dos réus: caso da homofobia. **Movimento**, 18, 301-321. 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3FGcQ0i> Acessado em: 27 nov. 2022.

BANDEIRA, G. A. **Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol**. Curitiba: Appris, 2019.

BANDEIRA, G. A.; ANJOS, L. A. A Coligay dentro da pedagogia do torcer: Coligaywithinpedagogyofcheering. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 28, n. 1, p. 8–29. Disponível em: <https://bit.ly/3FJzepB> Acessado em: 27 nov. 2022.

BARBOZA, R.; SILVA, A. S. Gênero e Diversidade: uma análise sobre os grupos de pesquisa do CNPq e a população LGBT. **Boletim do Instituto de Saúde**, 19, 135-143. Disponível em: <https://bit.ly/3PGzPgi> Acessado em: 27 nov. 2022.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Brasília: Ed. UnB, 2010.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**. Vitória: UFES, 1997.

CARNEIRO, G. Europeus planejam ato anti-homofobia no Qatar, e FIFA não sabe o que fazer. **UOL**, São Paulo. Disponível em: <https://bit.ly/3BMzFhH> Acessado em: 27 nov. 2022.

CAMARGO, W. X. Masculinidade e homofobia no futebol: "Joguem como homens!" (2019), de João Carlos da Cunha Moura. **FuLiA/UFMG**, 4(2), 148–155. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3Vapevc> Acessado em: 20 nov. 2022.

CAMARGO, W. X. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. 1-18, 2018.

CANEPARO, P. **Precisamos falar sobre o Qatar**. ORBI, 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3hGUYKH> . Acessado em 08 dez. 2022.

CBF. Twitter. @CBF_Futebol. **O futebol brasileiro não tem espaço para preconceito! A CBF apoia a luta contra a homofobia e a transfobia. Somos Todos Iguais!** 2021, 28 jun. Disponível em: <https://bit.ly/3HPn6WO> Acessado em: 27 nov. 2022.

CONJUR. **Juiz é punido por dizer que futebol é coisa de macho e não de gay**. 16 de dezembro de 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3WyyJWf> Acesso: 01.nov. 2022.

CROCHÍK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em Psicologia**, 4(3), 47-70, 1996. Disponível em: <https://bit.ly/3VapEBM> Acessado em: 27 nov. 2022.

DANTAS, B. A. S. **Religião e Política: ideologias, articulações e estratégias da bancada evangélica na Câmara Federal**. São Paulo: AnnaBlume. 2019.

DE ROON, M. @Dirono. **One love for this victory! What a start**. Twitter. 21 nov. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3WdcsNV> Acessado em: 28 de nov. 2022.

- DFB. @DFB_Team Twitter. **Wir wollten mit unserer Kapitänsbinde ein Zeichen setzen für Werte, die wir in der Nationalmannschaft leben: Vielfalt und gegenseitiger Respekt.** Disponível em: <https://bit.ly/3FHXYhM> Acessado em: 28 de nov. de 2022.
- ESPN. Seleções voltam atrás após risco de punição e não usarão braçadeira em apoio à comunidade LGBTQIA+; Fifa se posiciona e antecipa 'plano'. **ESPN no Qatar.** Disponível em: <https://bit.ly/3v01PIA> Acessado em: 22 nov. 2022.
- ESPN. Meia holandês faz montagem e coloca em colegas de seleção as faixas proibidas pela Fifa na Copa do Mundo. **ESPN no QATAR.** Disponível em: <https://bit.ly/3BK1x60> Acessado em: 28 nov. 2022.
- FERA. **Richarlyson: 'Não pode jogar se for gay? Deixa de ser bom profissional?'**, 25 de jun. 2017 Disponível em: <https://bit.ly/3hAoVMC> Acessado em: 28 nov. 2022.
- FEITOSA, T. Árbitro da CBF afirma "passar necessidade" após se assumir homossexual: o auxiliar John Andson denunciou que tem sofrido retaliações por ser homossexual. **Jornal do Comércio.** Disponível em: <https://bit.ly/3W9rhkh> Acessado em: 27 nov. 2022.
- FIFA. **FIFA celebrates Pride Month.** Disponível em: <https://fifa.fans/3jhW2oC> Acessado em: 01 nov. 2022.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra.** Porto Alegre: L&PM, 2015.
- G1. Após Fifa proibir braçadeiras, governo alemão apoia direito de expressão dos jogadores de futebol **G1 Mundo.** 23 nov. 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3VeMpV4> Acessado em: 28 nov. 2022.
- GE. Vasco x São Paulo: súmula relata cantos homofóbicos e cartão para Castán após o fim do jogo. 2019. **Globo Esporte.** Disponível em: <https://bit.ly/3BJoGp1> Acessado em: 28 nov. 2022.
- GE. Cantillo deixa de usar número 24 no Corinthians; clube cita Rincón, e diretor faz piada: "24 aqui não". **Globo Esporte.** Disponível em: <https://bit.ly/3jffxhU> Acessado em: 28 nov. 2022.
- GORDON, C.; HELAL, R. Futebol: mitos e representações do Brasil. In: GOES, F.; VILLAÇA, N. **Nas fronteiras do contemporâneo.** Rio de Janeiro: Mariad/Fujb, 2001.
- GROHMANNDA, K. Jogadores da Alemanha tapam a boca durante foto oficial em meio a polêmica sobre braçadeiras. **CNN Brasil.** Disponível em: <https://bit.ly/3HJWoyJ> Acessado em 30 de nov. 2022.
- GUIA GAY SÃO PAULO. **Conheça 16 torcidas LGBT de Futebol de todas as regiões do Brasil.** Disponível em: <https://bit.ly/3HO15tF> Acessado em: 28 nov. 2022.
- LOFT, P.; WOODHOUSE, J. **FIFA men's football world cup Qatar 2022: FAQs.** Londres: House of Commons Library, 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://bit.ly/3v44kn2> Acessado em: 01 nov. 2022.
- MARTINS, D. N.; ASSUNÇÃO, M. M. S. Bichas, macacos, marias: narrativas de opressão, invisibilidade, preconceito e resistência no futebol. **Pretextos**, v.4, n; 7, p. 342-64. 2019.
- MARTINS. T. **Após mais de 30 anos da Lei do Racismo, ser condenado ainda é raridade.** 2021, 20 nov. Disponível em: <https://bit.ly/3WdcXaL> Acessado em: 01 nov. 2022.

MENDONÇA, C. M. C.; MENDONÇA, F. V. K. M. “Ô Bicharada, Toma Cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos Homofóbicos de Torcidas de Futebol como Dispositivos Discursivos das Masculinidades. **Galáxia**, 46, 1-18, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3VbPncQ> Acessado em: 27 nov. 2022.

MENON, Gustavo. Os Estudos Culturais na Europa e na América Latina: precursores e perspectivas críticas de um campo de pesquisa. **Cadernos de Estudos Culturais**, v. 2, n. 26, pp. 93-109, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3YAmkmp> Acessado em 20 nov. 2022.

MOURA, J. C. O direito em fala: sobre bichas e homens no futebol brasileiro. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 17 n. 198, p. 70-79. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3YBLRvj> Acessado em: 27 nov. 2022.

MOURA, J. C. **Jogue como homens!** Masculinidades, liberdade de expressão e homofobia em estádios de futebol no estado do Maranhão. Jundiaí: Paco Editorial. 2019.

MOREIRA, M. F. S.; PRADO, V. M.; CAVALEIRO, M. C. Quando o futebol é de mulheres: suspeitas, regulações e transgressões no campo dos gêneros e sexualidades. **Ensino em Re-Vista**, v. 26, n. 2, p. 524–546. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3v1Ptcz> Acessado em: 27 nov. 2022.

O JOGO. **Acusada de homofobia, CBF é obrigada a justificar ausência do '24' da seleção brasileira.** 2021, 30 Jun. Disponível em: <https://bit.ly/3Wr4sZi> Acessado em: 27 nov. 2022.

OLIVEIRA, D. T. R. **Por uma Ressignificação Crítica do Esporte na Educação Física:** uma intervenção na escola pública. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP. 2002.

OPERA MUNDI. **Ministra alemã usa braçadeira pró-diversidade no Catar.** Disponível em: <https://bit.ly/3HLoKIL> Acessado em 27 nov. 2022.

PAREDES, N. “Pensei que me matariam”: a história do 1º gay do Catar a sair do armário. **BBC News Brasil.** Disponível em: <https://bbc.in/3G0RfQv> Acessado em: 27 nov. 2022.

PEREIRA, A. S. L. S.; ALFAIA, A. J.B.; SOUZA, L. E. C.; LIMA, T. J. S. Preconceito contra homossexuais no contexto do futebol. **Psicologia & Sociedade**, 26 (3), 737-45, 2014.

PINTO, M. R. Torcidas Queer e livres em campo: sexualidade e novas práticas discursivas no futebol. **Ponto Urbe**, 14, 1-12. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3jjeI7t> Acessado em: 27 nov. 2022.

PINTO, M. R.; ALMEIDA, M. B. “Novos “sujeitos-torcedorxs””: Trajetórias e Estratégias de Visibilidade da Galo Queer, Bambi Tricolor e Palmeiras Livre. **Mosaico**, v. 9, n. 14, 105-24, 2018.

PIRES, B. Porta da esperança? O selinho de Sheik poderia ser um marco para encorajar jogadores a saírem do armário, mas só reforçou a homofobia no futebol. **Placar**, n. 1.382, 2013, p. 31. Disponível em: <https://bit.ly/3hC4yOW> Acessado em: 27 nov. 2022.

PIRES, B. Com homofobia não tem jogo. **El País**, 26 ago. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/323YlxG> Acessado em: 27 nov. 2022.

PIRES, B. Poltrona 36, a lenda homofóbica que persegue dois ex-jogadores do Grêmio. **El País.** Disponível em: <https://bit.ly/3PMjS8s> Acessado em: 27 nov. 2022

PORTAL DEZANOVE. **Qatar (machista e homofóbico) fica com Mundial de futebol.** Disponível em: <https://bit.ly/3hCFhEe> Acessado em: 27 nov. 2022.

PREVERT, A.; NAVARRO-CARRASCAL, O.; BOGALSKA-MARTIN, E. La discriminación social desde una perspectiva psicosociológica. **Revista Psicología Universidad Antioquia**, v. 4, n. 1, p. 7-20, jun. 2012. Disponível em <https://bit.ly/3G6FEQM> Acessado em: 27 nov. 2022.

RIZZO, M. Homofobia e censura: as preocupações da Fifa com a Copa do Mundo do Qatar. **UOL**. 04 out. 2019 Disponível em: <https://bit.ly/3V98dl1> Acessado em: 27 nov. 2022.

RONALD, I. Eight European countries to participate in diversity campaign during Qatar World Cup. **CNN**. 21 nov. 2022 Disponível em: <https://cnn.it/3WcYHi3> Acessado em: 27 nov. 2022.

SILVA, A. S. Consciência e Participação Política: Uma abordagem psicopolítica. **Interações** v. 6, n. 12, p. 65-90. 2001.

SILVA, A. S. **Marchando pelo Arco-Íris da Política: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT no Brasil, Espanha e Portugal.** Tese (Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

SILVA, A. S. **Luta, Resistência e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT.** Curitiba: Juruá, 2008.

SILVA, A. S. A Mercadorização do Futebol e seus Impactos na Infância Pobre. **Revista Universitaria de la Educación Física y del Deporte**, v. IV, p. 44-53, 2011.

SILVA, A. S.; MELLO-THÉRY, N. A.; ROMERO, J. C. Reflexiones acerca del cambio social y participación política como campo interdisciplinar de producción del saber. **Revista de Investigación Psicológica**, v. 20, p. 83-96, 2018 Tradução. Disponível em: http://www.scielo.org/bo/pdf/rip/n20/n20_a07.pdf Acesso em: 21 nov. 2022.

SILVA, A. S.; D'ADDIO, T. F. Homofobia, Violência e Direitos Humanos. In: ALMEIDA et al. (orgs). **Psicologia Política: debates e embates.** São Paulo: EdEACH, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3YCGdt6> Acessado em: 27 nov. 2022.

SILVA, A. S.; ORTOLANO, F. Narrativas psicopolíticas da homofobia. **Trivium**, v., n. 1. p. 1-18. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3jl0AdS> Acessado em: 27 nov. 2022.

SOUZA, D. C. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 9(2), 222–231. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3FIs2Ko> Acessado em: 27 nov. 2022.

TRAJANO, R.; ALMEIDA, N.; RODRIGUES, M.; FERNANDES, L. Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. **Conexões**, v. 15, n. 1, 65–91. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3WzHGyB> Acessado em: 27 nov. 2022.

UOL - São Paulo. Organização da Copa do Mundo diz que homossexuais serão bem-vindos ao Qatar. **UOL**. Disponível em: <https://bit.ly/3BKDJ24> Acessado em: 27 nov. 2022

VALVERDE, R. R. H. F. (2012). Corporidade e multiterritorialidade na geografia cultural: além da dominação, da resistência e da tradição. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 4 n. 25. Disponível em: <https://bit.ly/3v1oU7d> Acessado em: 27 nov. 2022.

VASCO DA GAMA. **Carta Respeito e Diversidade**. 27 jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3I6hmrV>
Acessado em: 28 nov. 2022.

VAZ, A. C. Educação Física inclusiva na educação básica: reflexões, propostas e ações. In: Gimenez, R.; Freitas, A. (Org.). **Educação Física e homofobia: conhecer para um agir solidário**. 1ed. Curitiba: CRV, 2015, v. 1, p. 45-76.

VON SMIGAY, K. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, v. 8, n. 11, p. 32-46, jun. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3W3kWqJ> Acessado em: 28 nov. 2022.



BY



NC



SA

Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).